

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HOURS AND HOURS
OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD
5 e 27 de dezembro de 2023

HIGH GREEN WALL / 1954 (*O Sequestro*)

Um tele-filme de **Nicholas Ray**

Realização: Nicholas Ray / **Argumento:** Charles Jackson, baseado no conto de Evelyn Waugh "The Man Who Liked Dickens" / **Fotografia:** Franz Planer / **Interpretação:** Joseph Cotten (Henry), Thomas Gomez (McMaster), etc.

Produção: Leon Gordon para Revue Production / Episódio da série televisiva G.E. Theatre / **Cópia:** digital, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 24 minutos / Difundido pelo CBS a 3 de Outubro de 1954 / Exibido na RTP: a 20 de Abril de 1969, inserido na série Director's Playhouse ou Hollywood Playhouse.

High Green Wall é apresentado com **The Savage Innocents**, de Nicholas Ray ("folha" distribuída em separado).

O tele-filme que hoje se projecta, é uma obra omitida até aos anos 80, em quase todas as filmografias de Nicholas Ray.

Aparentemente, nenhuma razão havia para isso, porque o filme foi largamente publicado e apreciado, quando da sua passagem na CBS americana, numa série famosa e que muito mais famosa se tornaria depois, quando passou a ser apresentada por Ronald Reagan. Mas o que é certo é que, depois dessa emissão, nunca mais voltou a ser falada. Nem por outros, nem pelo próprio Nick Ray. Este, que muitas vezes recordou os seus inícios televisivos (com o filme **Sorry, Wrong Number** de 1945, de que hoje parece não haver cópia) nunca se referiu à sua segunda experiência no pequeno écran e que se saiba nunca aludiu a ela, em entrevistas bastante posteriores.

Na altura, a série, a dar os primeiros passos, não teve difusão fora da América. Mas acabou por chegar a Portugal - vá-se lá saber porquê ou como - em 1969, quinze anos depois da transmissão inicial. Atento, António-Pedro Vasconcelos deu notícia do facto no "Jornal de Letras e Artes", nº 268, Junho de 1969, no texto que a seguir se transcreve, neste caso com a mais que devida vénia.

"Os amadores de cinema, que eu sei que são poucos, tiveram a grata surpresa de descobrir, graças ao 2.º canal da RTP, um pequeno filme de Nicholas Ray, desconhecido de todas as filmografias: trata-se de **High Green Wall** (tomem nota) que Nick realizou para a "Desylou Playhouse" no ano de MCMLIV. O genérico indica-nos que se trata de uma história de Evelyn Waugh, que a produção é de Leo Gordon, a fotografia de Franz Planer e a interpretação de Joseph Cotten e Thomas Gomez.

Mas se ignoram essa preciosidade, as filmografias de Nick Ray esclarecem-nos, em todo o caso, que por essa altura havia ele filmado uns planos para **Macao** de Sternberg e que iria, 4 anos depois, filmar a sublime **Floresta Interdita** (lembra-se?) em que Nick trocava o Amazonas pelos Everglades. Eis, em resumo, o que nos pode trazer um pouco de luz sobre este pequeno, estranho e fabuloso filme que nos conta em 20 minutos a história de um explorador (Joseph Cotten) que, perdido em plena floresta, encontra uma tribo de índios dominada por uma estranha criatura (Thomas Gomez), um branco desligado da civilização e que tem a extravagância de alimentar uma fanática paixão pela obra de Charles Dickens, e que, não sabendo ler, se servia de quantos brancos por ali passavam para os obrigar a debitar-lhe os vários volumes das obras completas do autor das "Grandes Esperanças". Joseph Cotten ao descobrir a campa do seu antecessor, apercebe-se com grande desespero que está condenado a ser enterrado vivo nessa prisão vegetal que dá pelo nome de Amazonas, lendo Dickens pelos tempos fora.

À medida que o filme e os volumes avançam, Nick escolhe passagens que possam fazer eco ao desespero impotente de Joseph Cotten. É assim que, ao ler um texto de "Oliver Twist" em que este pede aos céus que o libertem daquela prisão onde se destrói, Joseph Cotten tem a ideia de se servir dessa folha como mensagem que tenta fazer chegar à "civilização" (sem que Thomas Gomez se aperceba), pela mão de um branco que passara por ali. Inutilmente, de resto, porque a diabólica criatura não dorme e dá-lhe uma beberagem nessa noite, fazendo-o passar por morto quando o branco volta para buscar. Quando acorda, Joseph Cotten dá-se conta de que perdeu a última esperança de contacto com a "civilização" e que está condenado a ler e reler até à eternidade as obras completas de Charles Dickens, prisioneiro irremediável daquela floresta carnívora. O filme termina com um movimento de grua sublime, à maneira de Murnau, Preminger ou Mizoguchi que, partindo do rosto de Joseph Cotten encostado à balustrada da casa recua até o encobrir pela vegetação, perdendo-se depois pela floresta densa, ao que se vem sobrepor a voz de Joseph Cotten que recomeça a ler "A Guilhotina", livro justamente pelo qual ele havia iniciado as suas leituras.

Obra cruel e desesperada, este filme anuncia já um clima de loucura em que os personagens se vêem envolvidos e que vai marcar a fase seguinte da obra de Ray, sobretudo se nos lembrarmos que os seus próximos filmes vão ser **Atrás do Espelho, Cruel Vitória e Floresta Interdita**. Além disso, o filme ilustra uma dialéctica do bem e do mal transferida aqui para uma dialéctica de natureza e da civilização, tema que ele vai posteriormente desenvolver, particularmente em **Floresta Interdita** e **Sombras Brancas** e que neste filme encontra uma síntese exemplar.

Mas, a meu ver, o motivo mais forte de interesse do filme é a dupla leitura que ele nos propõe, os dois entendimentos possíveis de cultura: uma em que, encadernada em volumes, a obra de Dickens se transforma em letra morta e, à força de amor, em instrumento fanático de opressão; outra em que, pelo gesto sacrílego de Joseph Cotten rasgando a página do "Oliver Twist", a leitura recupera o seu valor vivo de comunicação gesto que evoca estranhamente o gesto paralelo de Piccolli rasgando uma folha da Bíblia, num filme de Buñuel que no Odéon se chamou **Labirinto Infernal**, título que, no original (**La Mort en ce Jardin**) cabia que nem uma luva neste filme belo e inesquecível.

Que se saiba – e por isso falei de mais que devida vénia – este é o primeiro texto escrito sobre este filme, desde as críticas televisivas coevas americanas. Mas Portugal é pequeno, o *Jornal de Letras e Artes* não ultrapassava escassos leitores, e nenhuma revista de cinema estrangeira, ou obra escrita em língua de maior difusão, deu sequer conta de tal nota. Mais tarde, António-Pedro de Vasconcelos veio contudo falar do filme a Patrick Brion, que há muito anima um programa de cinema no canal 3 da Televisão Francesa. Patrick Brion pôs-se à procura e depois de muita pesquisa (nos arquivos da CBS, o filme constava referido a

outro produtor e realizador) localizou a cópia que foi transmitida em França, a 30 de Dezembro de 1984.

O acontecimento foi de tal monta que Bernard Eisenschitz, que há muito prepara uma monumental biografia de Ray, e que também tivera conhecimento da obra, escreveu nos "Cahiers du Cinéma" (Nº367-Janeiro de 1985) um extenso artigo *Nicholas Ray, Téléaste* que dá pormenorizada conta das peripécias que rodearam o filme.

Resumindo, foi depois de acabar as filmagens de **Run For Cover**, em 54, que Nick Ray, então trabalhando como "free-lancer" foi contactado por um seu agente, Jennings Lang (que também trabalhava como produtor executivo da televisão) para fazer um filme para a série G.E. (General Electric) Theatre.

Os anos 54-55 foram anos dourados para a televisão americana, que procurava atrair cineastas de Hollywood, com o nome feito: Robert Aldrich, Sidney Lumet, Delbert Mann, John Frankenheimer, etc. trabalhavam então, para ela, quase a tempo pleno, em séries que se faziam depressa e por baixo custo. Juntar o nome de Ray ao desses cineastas, foi objectivo de Lang que diria a Eisenschitz ter posto uma única condição: nem a equipa técnica, nem os actores deviam ter trabalhado antes para a TV.

Assim aconteceu e a obra foi rodada em película-filme nos estúdios da Universal. Joseph Cotten declarou a Eisenschitz: "Foi o meu primeiro filme para a televisão. A Televisão metia-me um medo dos diabos. Estava a representar num peça de teatro, em La Jolla e Nick Ray, Thomas Gomez e o produtor Gordon vieram convidar-me. Ensaíamos durante uma semana. Hoje, como sabe, faz-se um episódio de meia-hora em três dias, sem ensaios. Tive a impressão que a televisão podia ser algo de apaixonante, desde que se dispusesse de tais condições. Ensaíamos uma semana e filmámos durante três ou quatro dias. Tivemos tempo para nos preparar, tempo para experimentar, e tempo para mudar, quando nos enganávamos (...) Gostei muito de trabalhar com Ray. Tive a impressão que ele também precisava de tempo para se preparar, de tempo para formar ideias. Não creio que Nick hoje, se fosse vivo, se sentisse feliz na televisão actual".

Na origem do filme está um conto do famoso escritor Evelyn Waugh, "The Man Who Liked Dickens", publicado em 1933 e recolhido, um ano depois, no volume "A Handful of Dust". Quem o escolheu? Não se sabe, mas a história é prodigiosamente "rayana".

Quanto ao resto, só posso repetir o elogios de A.-P.V. desde o travelling inicial sobre a selva e sobre Thomas Gomez (efectivamente um precursor do Burl Ives de **Wind Across the Everglades**) até ao "fondu" final, depois do fabuloso diálogo do início; "But tomorrow, and tomorrow, and the day after tomorrow, you'll read Dickens again and forever. And we start again with **Tale of Two Cities**, there were some passages in that book I can't hear without an envy to cry". A câmara, sobe, descobre-se toda a clareira e fica em sobreimpressão o rosto de Cotten, até começarmos a ouvir o princípio do livro de Dickens, que já escutáramos no princípio: "It was the age of darkness...". Há a árvore, o "fondu" e tudo escurece.

Antes, tínhamos entrevisto o "high green wall" de que fala o título, que aparece "tangível, no espectacular ante-penúltimo plano do filme" (Eisenschitz). Essa "muralha verde" que impedirá, para sempre, Cotten de sair dali, de ao pé do homem que amava Dickens.

Eisenschitz, no seu texto, aproxima mais este filme das obras anteriores, do que das posteriores citadas por António-Pedro Vasconcelos. Vê na "falsidade exterior e na abstracção" a cidade azteca de **Run for Cover**, os exteriores do "saloon" de Vienna, no **Johnny Guitar** e na relação entre os dois protagonistas uma persistência de **The Lusty Man**. Qualquer dos críticos tem razão, de tal modo todos os temas de Ray (anteriores e

posteriores) se cruzam e entrecruzam nesta pequena obra-prima, maravilha da concisão e excesso, de barroquismo e romantismo.

Como nas obras de Dickens, tudo converge e tanto faz começar pelo "Oliver Twist" como pelo "Tale of Two Cities", pelo "David Copperfield" como pelo "Nicholas Nickleby". Só que, essa "primavera de Esperança, e esse inverno do Desespero" que são lidos no princípio e no fim, os referiu concretamente Dickens à Revolução Francesa ("a melhor das épocas, a pior das épocas"). Deverá ver-se nessa escolha uma alusão à fase crucial que Ray então atravessava, entre **Run of Cover** e antes do **Rebel**? Talvez seja forçar a nota. Não será forçá-la, contudo, dizer que o prazer da leitura vem neste filme associado à dor (Thomas Gomez só reage quando nota prazer na voz de Cotten) e à condenação. A cruz e os túmulos encerram naquele espaço, os que tentaram fugir a repetir a imagem do *pai*, aquele que, muito antes, ensinara ao índio o prazer do texto ouvido e assim o faz recuar à infância, e ao doce balouçar das redes. Através de Dickens, amanhã e amanhã e no dia depois de amanhã, tudo se volta em eterno retorno e não se sairá daquela pilha de volumes, daquela selva mágica e das bebidas que adormecem e fazem sentir bem. O velho volta a ser criança e Cotten, para sempre, o seu pai e a sua mãe, confundido no tempo da luz e no tempo da escuridão. E – como no texto ouvido do "Oliver Twist" – ninguém nem nada poderá libertar aqueles homens dessa "prisão de horror". Nem o amor dos céus, nem o da justiça, nem o da generosidade.

Toda a súplica é vã. E talvez que na sobreimpressão final Cotten já se julgue como Gomez dissera aos seus salvadores, um personagem de Dickens e como ele tenha perdido qualquer outro contacto com a realidade e com a civilização.

High Green Wall é, neste sentido, um dos mais desesperados filmes de Ray. Uma parábola análoga à do "Marinheiro" de Pessoa. Talvez nunca mais ninguém queira sair dali.

JOÃO BERNARD DA COSTA